Ano X — Lisboa, Junho de 1954 — N.º 110

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

ESCOLHER

A maior responsabilidade

Há acções, que não sendo exclusivas do Homem, este, ao praticá-las, imprime-lhes um cunho tão especial, que entre estas e as executadas pelos outros animais se perdeu, quase por completo, o paralelismo que lhes estabelecia a conexão. Escolher é uma dessas acções, comuns tanto aos homens como aos animais, mas que nestes últimos é apenas ditado pelo instinto natural, enquanto no Homem atinge tal complexidade que se transforma numa maravilhosa manifestação das suas faculdades instintivas, sim, mas também das de ordem moral e intelectual.

Estes factores usados pelo Homem no seu acto de escolher, se lhe dão maior autoridade na sua prática, tornam-no, em contrapartida, moralmente responsável pelos resultados daí advenientes, pois essa decisão deixa de revestir a forma banal de movimento irracional para se transformar na acção pela qual ele pauta o seu destino e, muitas vezes, daqueles que lhe estão submetidos. Tomar uma resolução, optar, preferir, são dramáticas situações que podem mudar radicalmente o curso dos nossos destinos, pontos de partida para saborosas vitórias ou para jornadas de desastrosas consequências.

Saber escolher ou escolher bem é de facto um dos maiores privilégios de que alguém se pode gloriar. Mas não basta apenas saber escolher. É necessário, em certas conjunturas, ser-se corajoso para tomar uma decisão que venha contrariar as atitudes ordinàriamente assumidas pelos que nos rodeiam, ou que venha ferir o nosso orgulho ou os interesses pessoais. Nestas emergências, só um carácter robustecido poderá impelir a vontade a fazer aquilo que se deve mas não se deseja.

É forçoso verificar que, apesar destas valiosas qualidades de discernimento com que está dotado, ao escolher o Homem dá muito fracas provas da sua perícia, trocando as vantagens daquilo que de facto lhe pode ser proveitoso, pelas miragens enganosas do que é mesquinho e transitório, aparente e superficial. A este respeito, é assás conhecida a parábola com que N. S. Jesus Cristo ilustra esta infeliz tendência humana: «Larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela».

A História está pejada de exemplos de nefastas resoluções, como a ensinar-nos que, quanto mais alto é a posição que se ocupa na escala social, mais profundas são as repercussões de uma decisão, porque ela interessará a um maior número de indivíduos. Alcácer-Quibir é um modelo frisante dos terríveis resultados que a imprudência dos poderosos pode trazer à sociedade onde exerçam a sua influência. Toda a acção que precedeu o infausto recontro foi conduzida ao invés do que aconselhava o senso comum. Generais experimentados, sabedores e prudentes não se cansaram de avisar o jovem soberano de que os acontecimentos aconselhavam o adiamento das operações. Todavia, a leviandade prevaleceu e, de todas as infelizes decisões, originou-se a mais trágica consequência para Portugal: a perda da sua independência.

Desde Barrabás, a mais deplorável escolha do Homem, inúmeros têm sido os erros cometidos, dolorosas experiências de séculos, causadores de tantas e tantas perturbações, de lamentáveis equívocos e sofrimentos, como a apontar-nos a necessidade de revermos as nossas posições perante o mundo. Porém, a nossa atitude não revelará sabedoria se única-

(Conclui na 2.ª página)

Uma luz nas trevas

A guerra moderna, como que a desmentir categòricamente os progressos da nossa civilização, é cada vez mais desumana e cruel. Já na última grande guerra assistimos horrorizados ao vil desprezo pelas normas e princípios estabelecidos entre as nações para a protecção de prisioneiros e feridos, o que tornou a luta mais desapiedada e brutal, criminosa mesmo atrás de certas linhas. Recentemente, na luta da Indochina, foram postergados os humanitários princípios de socorro e auxílio aos feridos e estropiados. Parece que os homens, cegos pelo ódio, estão incapazes de sentir um pouco de compaixão pelo seu semelhante.

Na noite mais negra, porém, uma luz é sempre um clarão de esperança que rompe as trevas em todas as direcções e assinala aos perdidos que ali há vida e calor. E, na escuridão desta guerra fratricida, uma luz brilhou intensamente. Foi uma jovem — sempre os jovens — Genoveva de Galard, cumpre-nos decorar o nome, que heroicamente informou sua mãe, a Viscondessa de Galard-Terroube, que «tinha muito tempo para se casar. Inscrevi-me — disse — nos serviços aéreos e vou para a Indochina ajudar os franceses que se batem pela pátria». E marchou. Serviu na ponte aérea, assegurando o transporte de 250 feridos de Dien Bien Phu. Em 10 de Abril, o seu avião, crivado de balas, caiu na floresta. Ninguém foi capaz de a arrancar dali. Recusou-se a partir. «Devo ficar para tratar dos feridos». Partiu para a fortaleza, foi a única mulher no meio dos onze mil soldados, suportou corajosamente o combate terrível, auxiliando e confortando os feridos, assistiu à rendição, continuou no seu posto, só consentindo em sair da fortaleza quando os seus serviços não eram mais necessários.

Esta extraordinária jovem soube

(Conclui na 2.ª página)

A maior responsabilidade

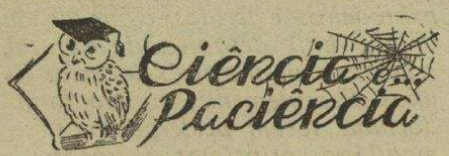
(Conclusão da 1.ª página)

mente evidenciarmos boa vontade em acertar as nossas decisões. Assim como para se poder enxergar largos horizontes não basta a boa visão quando o posto de observação é mau e a luz deficiente, não lograremos resultados apreciáveis se não nos esforçarmos por um profundo trabalho de aperfeiçoamento individual que esclareça os nossos caminhos. As trevas só podem gerar o erro e a confusão. A resposta de Pedro à pergunta de Jesus: «quereis vós também retirar-vos?» demonstra que o galileu se encontrava verdadeiramente habilitado a fazer uma escolha perfeita, porque a Luz já tinha iluminado a sua mente e o seu coração.

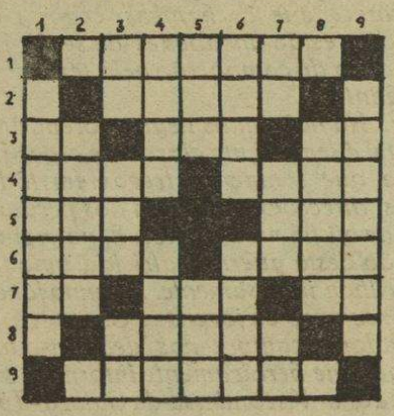
As aparências também contribuem, em muito, para escolhas desacertadas. No «Mercador de Veneza» observamos que os dois príncipes poderosos foram traídos pelo valor dos vasos de ouro e de prata, onde julgavam encontrar o prémio que desejavam, mas Bassânio, escolhendo o vaso de chumbo que ostentava a melhor inscrição, logrou o direito a desposar a bela Pórcia. O menos valioso era o que continha o tesouro ambicionado.

Se o que deixa deturpar o gosto não saberá apreciar as melhores iguarias, o que habita os lugares esconsos será inepto para compreender a beleza do Sol. Assim, se não nos identificarmos com a paz, com a concórdia, com a sensatez, as nossas escolhas serão sempre defeituosas e infelizes; mas se buscarmos com avidez a verdade, se procurarmos iluminar o nosso caminho, as nossas acções terão o cunho da sabedoria e seremos, então, capazes de optar pela melhor solução para os problemas que se nos apresentarem.

JOEL RIBEIRO



PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: — 1 Variedade de nó. 2—Peixe de água doce. 3—Prefixo designativo de *oposição*: preposição; contracção de pronomes. 4—Égua; relativo à boca.—5—Povoação de Província de Moçambique, reze. 6—lâmina de madeira, com a qual se comprime um membro a fim de se manter imóvel; magnete; 7—artigo (plur.); zombar; antiga escala musical. hoje substituida por *dó*; 8—elementos de uma divisão de guias; 9—Discursar.

Verticais: 1—Rapazes de uma divisão escotista. 2—Ingiras. 3 Antigo artigo, quase desusado; lista; convicção. 4—Ave; lavrar. 5—Som repetido; caminhado. 6—Planta; irritar. 7—Sufixo, designativo de *aumenta*. espêcie de tinta amarela; abrev. de *sueste*. 8—Mariola. 9—Uma qualidade do escotefro.

Filatelia Escoteira

A União dos Escoteiros do Brasil sugeriu à Direcção dos Correios a emisão de um selo comemorativo do Acampamento Internacional de Patrulhas.



D. Maria Amélia Figueiredo de Almeida Calhau

No dia 19 do corrente, fomos surpreendidos com a triste notícia do falecimento desta jovem Senhora, esposa dedicada do nosso caro assinante sr. António de Mira Calhau, Chefe Escoteiro, e filha do bom amigo deste mensário sr. António Pereira de Almeida.

A toda a família enlutada e particularmente a estes nossos dedicados amigos apresentamos condolências muito sentidas.

Rev. Dr. Michael P. Testa

Acompanhado de sua Esposa e filhos, em viagem de férias, partiu, no dia 21 de Maio p. p. a bordo da «Saturnia», para os Estados Unidos, este nosso dedicado Amigo, que tem pelo Escotismo o maior apreço e tem acompanhado com viva simpatia os grupos 10, 78 e 94. Os grupos 10 e 94, bem como o Grupo de Guias «Rainha D. Leonor», associaram-se no Domingo, dia 15, a uma sessão de homenagem, tendo desfilado até à Rua de Febo Moniz.

Apresentamos ao Rev. Testa e a sua Esposa os melhores votos de umas férias felizes.

«SEMPRE PRONTO»

Por motivos alheios à nossa vontade, este número do «Sempre Pronto» sai com algum atraso, do que pedimos muita desculpa aos nossos leitores.

Também por falta de espaço não podemos publicar este mês o folhetim «Uma aventura na Rússia». Esperamos, porém, publicar no próximo mês o folhetim correspondente a dois números.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

O GRUPO N.º 1

comemorou o 56.º aniversário da Associação Cristã da Mocidade

No passado dia 28 de Maio, o Grupo n.º 1 realizou nas dependências da sua sede um Fogo de Conselho para comemorar o 56.º aniversário da A. C. M., no qual colaboraram os Grupos n.os 7 e 10, e estiveram representados os Grupos n.º 94 e de Guias «Rainha D. Leonor».

Abriu a festa o Chefe Ferreira da Silva e, depois do acender da fogueira, recordou a fundação do Grupo n.º 1 na antiga União Cristã da Mocidade e disse que a existência ainda hoje do «Um» se deve ao patrocínio e constante interesse dos actuais dirigentes da A. C. M. Evocou os Fundadores do 1.º Grupo, Roberto Moreton, Frank Giles e Roberto Horner, aos quais se seguiram muitos outros que lhe deram forte impulso e militaram nas nossas fileiras. Em homenagem àqueles que já partiram desta vida, foi guardado um respeitoso minuto de silêncio.

O programa do Fogo do Conselho foi executado pelos escoteiros dos três grupos citados e desenrolou-se de forma a merecer fortes aplausos da assistência e entusiásticos gritos dos escoteiros, constando de poesias, canções, anedotas, episódios e ainda de uma parelha de palhaços do Grupo 10.

ANGRA DO HEROISMO

Grupo n.º 52

O Rádio Clube de Angra, na sua secção de Rádio Jornal de 25 de Abril p. p., fez a seguinte «Nota Especial da Semana»:

«... Tivemos a oportunidade de cooperar, de certo modo, na comemoração do dia do patrono mundial do Escotismo, pondo à disposição do chefe do Grupo de Escoteiros de Portugal, os microfones deste Rádio Clube. O Escotismo nesta Ilha está reassumindo, a pouco e pouco, o prestígio que chegou a ter. Modestamente, é certo, mas bem vivido e sentido, agrada a todos que à simpática actividade escotista deram o seu apoio, vê-lo ressurgir na forma equilibrada que presentemente o caracteriza».

Dos Amigos do "Sempre Pronto"

Nascimento—O nosso estimado amigo Sr. Manuel de Sousa Folgado, escoteiro guia do Grupo n.º 84, do Entroncamento, e sua Esposa Sr.ª D. Isaura Espírito Santo Romãozinho Folgado, estão de parabéns pelo nascimento do seu primeiro bebé, um robusto rapaz que, no dizer de seu pai, será mais um Escoteiro para o «84». Desejamos lhe muitas felicidades.

Doentes A esposa do nosso estimado amigo sr. Albano da Silva, escoteiro-chefe geral adjunto, foi recentemente submetida a uma operação cirúrgica, encontrando-se já em franca convalescença. «Sempre Pronto» formula votos muito sinceros de um restabelecimento breve e completo.

Uma luz nas trevas

(Conclusão da 1.ª página)

fazer brilhar a sua luz» nas densas trevas do egoísmo humano. O seu gesto deve ter despertado a esperança no coração de muitos e deixou-nos a nós, longínquos espectadores, a certeza de que no mundo ainda há almas capazes de amar o seu semelhante, fé bastante para contagiar outras para uma vida mais feliz. Todos lhe devemos gratidão pelo seu nobre exemplo.



6 — LIVRO DE JOGOS, organizado por Boto Velho. 2.ª edição. Edição da União dos Escoteiros do Brasil. 141 págs. Ilustr.

A U. E. B. continua a enriquecer a sua biblioteca com obras destinadas a valorizar os milhares de Escoteiros do país irmão, e não podemos deixar de aplaudir tão belo esforço, com o qual, nós, os «do lado de cá», também aproveitamos pela comunidade da Língua.

O livro de «Boto Velho» é reedição do que em 1928 esse distinto oficial do Exército brasileiro publicou, sendo o primeiro que em português se publicou sobre jogos escotistas.

Sempre foram os jogos o fulcro do Escotismo, pois o próprio B. P. assim o definiu dizendo-o «um jogo». E é pena que tantos E. C. se esqueçam desta verdade, transformando tantas vezes os seus grupos em conjuntos de autómatos ou de soldados a fingir, esquecidos de que o Escotismo tem, acima de tudo o mais, uma função formativa e educativa, mas que, para se retirar a esta toda monotonia, os jogos são o que de princípio se impõe a todo o E. C. consciencioso e que não seja pedante.

É certo que o facto de tantas vezes se improvisarem os chefes (defeito muito português e filho dos vícios da nossa educação secular) tem sido o responsável pelo fracasso de tantos que viram o desinteresse levar o desânimo ao coração dos seus rapazes, comprometendo o futuro do grupo. Mas a instituição duma Escola de Chefes, ou, pelo menos, de Cursos Experimentais de pequena duração, será remédio a tomar em consideração se se quiser que o Movimento progrida e se alcance o elevado fim a que ele visa. O Escotismo será o que forem os seus Chefes: daqui não há que sair.

Ora o livro de «Boto Velho», pela clareza da sua linguagem e criteriosa selecção e agrupamento dos jogos pode prestar relevantíssimos serviços ao Escotismo português, nele encontrando os E. C. muitas sugestões para improvisarem outros, novos jogos, cada vez mais jogos, que insuflem vida nova aos seus grupos. Nos seus 17 capítulos encontramos jogos dos mais variados, desde os de educação dos sentidos até aos de aplicação da agilidade e força, dos de observação e memória aos de observação, dos de energia e equilíbrio aos do estudo da Natureza, jogos nocturnos, jogos náuticos, etc. etc.

Conhecedor de alguns dos melhores livros de jogos escotistas publicados em França, na Inglaterra, na Suíça e na América, encontrámos neste muitos nossos velhos conhecidos, e com isso rejubilámos, pois «Boto Velho» tornou conhecidos dos nossos rapazes (que por via de regra são duma ignorância confrangedora no que respeita à bibliografia escotista estrangeira) muitos belos jogos, com que desde agora poderão deliciar-se, quer na sede quer no campo, dando largas ao seu irrequietismo ou às suas curiosidades naturais pela Natureza que os cerca, fazendo de verdade do Escotismo «um grande jogo» e lavando a alma, para poderem na vida ser homens integrais e não apenas aqueles bonecos — B. - P. chamou-lhes, sangrentamente, *macacos* — que nós a cada passo topamos na rua.

O RATO SÁBIO

PELOS GRUPOS

Grupo n.º 33 — Leiria

Esta unidade de Leiria tem realizado diversas actividades de campo. No dia 30 passado, efectuaram a exploração de uma gruta conhecida por «Cova da Moura». Com o auxílio de lanternas e espias exploraram compartimentos ainda não conhecidos.

Encontrando-se em Leiria como Mestre de trabalhos manuais na escola técnica local o Caminheiro Francisco Delgado, do Grupo 6 de Olhão, ofereceu-se para colaborar na instrução do grupo local, oferecimento que foi aceite com alegria. —C.

Grupo n.º 79 — Lisboa

Este grupo organizou uma equipa de caminheiros na vila de Paço d'Arcos dirigida pelo antigo guia de secção Alfredo da Fonseca Inácio.

No dia 2 de Maio, o grupo 79 realizou naquela localidade um exercício, findo o qual se efectuou em frente do monumento ao heróico Patrão Lopes, a cerimónia do Compromisso de Honra do escoteiro Filipe Martins Teixeira, perante a formatura de 20 escoteiros e na presença de muito público.

● Tendo atingido o limite de idade, foi reformado o antigo funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros Sr. Joaquim Santana de Carvalho, grande amigo e presidente da Direcção do Grupo 79. Por esse motivo, os escoteiros do grupo 79 prestaram-lhe nesse dia sentida homenagem de despedida.—C.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

ÁUSTRIA

A revista dos Escoteiros Austríacos publicou recentemente as contas do «Jamboree» de 1951. Por elas pudemos saber que as receitas daquele grande acampamento somaram 6.212.691 xelins austríacos (cerca de 7.500 contos na nossa moeda), incluindo 871.549 xelins de subvenções e dádivas e 4.222.513 xelins de taxas de inscrição.

A despesa atingiu 5.873.161 xelins (cerca de 7.050 contos na nossa moeda). Estes números dão uma ideia da importância destes grandes acontecimentos escotistas mundiais, devendo notar-se que, este «Jamboree» foi um dos mais pequenos intitulado até da «Simplicidade».

A taxa de inscrição dos escoteiros portugueses foi de 1.600,80 xelins austríacos, ou seja Esc. 1.921$00.

FINLÂNDIA

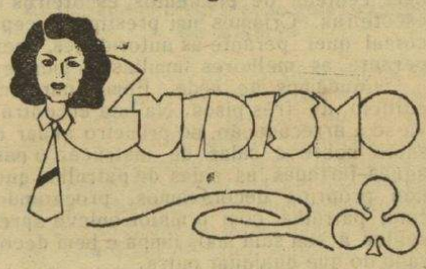
Realiza-se neste país, em Julho próximo, a habitual reunião de Comissários Internacionais. Esta reunião efectuou-se em 1950 em Portugal.

COLÔMBIA

A Associação dos Escoteiros da Colômbia promove este ano o seu Acampamento Nacional que se efectuará em «El Salitre», departamento de Boyacá, em Julho próximo.

VENEZUELA

Também a Venezuela realizará em Agosto próximo o seu Acampamento Nacional.



Grupo de Guias "Rainha D. Leonor"

No passado dia 3 de Maio, este Grupo de Guias comemorou o seu primeiro aniversário com uma festa que decorreu num ambiente de muita amizade e terminou com um chá oferecido pelas guias aos convidados.

Durante esta festa prestaram Compromisso de Honra as novas guias Clementina S. Tavares e Arlete M. de Almeida. As guias apresentaram um interessante programa de poesias, canções e um episódio escotista.

O Director do nosso jornal fez uma palestra dedicada às escoteiras, em que lhes apresentou a figura da Rainha D. Leonor e o sr. dr. Manuel Conceição Júnior, apresentou saudações e felicitações às guias.

Estavam presentes, além de muitos amigos do Grupo, a sr.ª D. Maria Angélica de Vasconcelos, da sua Direcção; o chefe do grupo 94, que saudou as Guias; e os chefes dos grupos 1 e 10.

O GRUPO 43 DA CIDADE DA HORTA

que foi uma unidade de grande prestígio e projecção, irá ressurgir? — É essa a esperança que nos fica depois de uma notável entrevista com o Sr. Melo Pereira, um seu escoteiro fundador

À nossa Redacção chegou a notícia de que os Antigos Escoteiros do 43 na cidade da Horta, estavam interessados em fazer ressurgir o seu antigo grupo. Tendo sabido que o Sr. Humberto Leandro de Melo Pereira, um dos seus antigos elementos, se encontrava residindo em Lisboa, confiados no seu espírito escoteiro, solicitámos-lhe uma entrevista.

A nossa confiança não foi iludida. O Sr. Melo Pereira, que é presidente muito dedicado da secção cultural do Sport Algés e Dafundo, recebeu-nos amàvelmente na sede daquela simpática agremiação desportiva, cheia de nobres tradições, a que o Escotismo não é inteiramente estranho. Sorridente, pôs-nos logo à vontade e, revelando-nos o seu entusiasmo, diz-nos com franqueza escoteira:

— É para mim muito agradável recordar o tempo do meu Grupo de Escoteiros, o n.º 43 da cidade da Horta, onde passei os momentos mais felizes da minha mocidade.

Como sabíamos que o Sr. Melo Pereira fora escoteiro fundador do grupo da Horta, começámos por inquirir:—Lembra-se como apareceu o Grupo 43?

—Foi na Escola local, iniciativa do Sr. professor António Pinheiro de Faria. O professor Faria é um homem extraordinário, de grande cultura, educador vocacionado e dedicado. Assim que na Escola surgiu a ideia de um grupo de escoteiros, acarinhou-a com entusiasmo, Começámos com 15 rapazes e o próprio professor assumiu a chefia.

«Ainda me recordo do dia da inauguração, há 20 anos. Morávamos quase todos na mesma rua e, como era a primeira vez e tínhamos acanhamento de aparecer fardados, estivemos todos à espreita a ver aquele que saía primeiro para tomar coragem e sair também.

«Mas foi um êxito! O grupo cresceu, desenvolveu se, chegámos a ter mais de uma centena de elementos, escoteiros e escoteiras. Criámos um prestígio excepcional quer perante as autoridades, quer perante as melhores famílias da cidade.

«Mudámos de sede. Fomos para um edifício de três pisos. Na loja encontrava-se a arrecadação, no primeiro andar o salão nobre e salas de instrução e nas águas-furtadas as salas de patrulha, que nós próprios decorávamos, procurando cada patrulha com o maior enlevo apresentar a sua sala mais limpa e bem decorada do que qualquer outra.

«Quase todos os estrangeiros de visita à Ilha, escoteiros ou não, nos visitavam».

Constituía para nós uma autêntica revelação o que ouvíamos acerca do grupo 43. Supomos que poucos dos nossos leitores saberão que na cidade da Horta existiu um grupo com tal desenvolvimento. O Sr. Melo Pereira não esconde o seu entusiasmo e alegria ao evocar a vida do seu antigo grupo. Isso nos anima a fazer nova pergunta. — Tinha muita actividade o 43?

— Constante, diz-nos com convicção, todos os Domingos saíamos. Desfilávamos pelas ruas da cidade, fazíamos acampamentos de fim de semana, de férias; jogos e exercícios. Na época mais culminante do grupo a nossa actividade desenvolveu-se de uma forma surpreendente. Além do trabalho escoteiro, dedicámo-nos ao desporto, fazendo competições entre os próprios escoteiros.

«Mas a nossa acção atingia ainda outros campos. Dávamos festas com frequência, nas quais os escoteiros faziam representações teatrais e saraus musicais. Sei um pouco de piano—diz-nos modestamente o Sr. Melo Pereira que nós sabemos ser um exímio pianista — e devo essa aptidão ao Escotismo.

E continuando: — «De resto, devo muito ao Escotismo na formação da minha personalidade. Todo o gosto que me ficou pelas coisas da arte e esta *carolice* que me traz aqui ao «Algés e Dafundo» e me tem feito dedicar a outras obras de cultura é fruto da minha vida escoteira».

—Todos aqueles que verdadeiramente viveram o Escotismo na sua mocidade dão idêntico testemunho — dissemos nós — e é essa a maior glória do Movimento.

O Sr. Melo Pereira, retomando o fio da conversa, esclarece-nos: — A nossa actividade artística não nos fazia descuidar a nossa preparação técnica. Para lhe dar uma ideia desta devo dizer-lhe que fazíamos transmissões de Morse por luz da ilha do Faial para a ilha do Pico a cinco milhas de distância. Deu-se até o caso curioso destes exercícios terem originado um namoro entre um escoteiro do Faial e uma guia (escoteira) do Pico. Casaram e vivem felizes na cidade da Horta.

—Isso é o que se chama uma mensagem bem entendida—atalhámos nós.

O nosso interlocutor mostrava o seu melhor humor escoteiro. Continuando diz-nos: — A nossa grande actividade era a comemoração do primeiro de Dezembro. Saíamos de madrugada, ainda de noite, com uma banda de música. Empunhando archotes, cantávamos o Hino da Restauração. Às 8 horas formávamos junto da sede e procedíamos ao içar solene das bandeiras.

«O professor Faria era o orientador entusiasta e devotado de toda esta actividade e a ele se deve o extraordinário êxito do Grupo. Figura prestigiosa, é muito querido e respeitado em toda a cidade. Novo ainda, apenas com 41 anos, teve uma fatalidade. Já lhe faltava a vista, mas repentinamente, durante uns ensaios, ficou quase cego. A ansiedade de todos os seus amigos foi enorme e um barco de guerra francês que se encontrava no porto veiu propositadamente trazê-lo ao Continente numa tentativa desesperada para lhe salvar a vista. Tudo inútil. O professor Faria regressou cego. O grupo acusou a falta do seu dedicado Chefe, enfraqueceu e acabou.

Lamentámos a triste forma como o grupo terminara a sua actividade. Mas nos lábios bailáva-nos já a pergunta que nos levou a procurar o Sr. Melo Pereira:

—Constou-nos que se pretendia agora reorganizar o 43.

— Eu lhe conto, — diz-nos Melo Pereira — o ano passado os antigos escoteiros tiveram uma iniciativa muito interessante. Remeteram a todos os antigos membros do Grupo uma circular cheia de agradáveis recordações, naquele espírito de que *uma vez escoteiro sempre escoteiro*, em que era feito convite para uma reunião no dia 1.º de Dezembro. Aqueles que não pudessem comparecer remeteriam um telegrama e naquele dia, à mesma hora, todos os antigos escoteiros estariam pensando nos seus camaradas, realizando assim uma autêntica cadeia de amizade.

— Naquele dia, os antigos escoteiros viveram momentos inolvidáveis. Fizeram, como no tempo da sua mocidade, a alvorada. Saíram com os archotes e cantaram com alegria o Hino da Restauração. Formaram e fizeram o içar da bandeira à hora regulamentar. Foram ao cemitério à campa dos escoteiros já falecidos, fizeram uma missa e uma sessão solene. As comemorações terminaram com um jantar de confraternização. Os telegramas foram chegando do Continente, da América, da África, da ndia, etc.. Deu-se até a coincidência agradável de um deles chegar no momento exacto em que a chamada estava sendo feita. Os nomes dos ausentes foram todos evocados, numa recordação simpática, comungando todos num mesmo espírito.

«Mas esta reunião serviu principalmente para prestar significativa homenagem ao professor Faria, que esteve presente, e sentiu assim reunidos em sua volta muitos dos seus antigos escoteiros. Bem sentida e bem merecida foi esta homenagem.

«Foi durante estas comemorações que surgiu a iniciativa de fazer ressurgir o Grupo. Os antigos escoteiros do 43, que têm hoje filhos e alguns até netos, querem que estes sejam educados nos mesmos princípios que seus pais e avós e recebam a mesma formação escoteira. Estão dados os primeiros passos para levar adiante esse desejo e logo que tenha notícias da Horta terei muito prazer em as transmitir ao «Sempre Pronto».

Agradecemos ao sr. Melo Pereira a maneira gentil como nos quis atender e formulámos votos de que o Grupo 43 possa efectivamente ressurgir e contar ainda muitos êxitos. Antes de nos despedirmos, porém, o escoteiro fundador da unidade a que nos vimos referindo, diz nos com entusiasmo: — Quero pedir-lhe, e estou autorizado a fazê-lo pelos meus camaradas, para transmitir a todos os Escoteiros de Portugal as saudações afectuosas dos antigos Escoteiros do Grupo 43 da Horta.

Aqui estamos a transmitir as saudações tão sinceramente expressas e, a avaliar pelo entusiasmo do nosso entrevistado, podemos ainda esperar grandes acontecimentos do 43 da Horta.

E. R.

Tema escotista apresentado no Acampamento de Guias do Algarve

No cofre da tua patrulha foi cometido um roubo. Após várias diligências em segredo, chegaste à conclusão de que o seu autor tinha sido um teu tesoureiro ainda novo no Movimento. Porém, soubeste que ele fora insligado por um seu amigo mais velho, não escoteiro, que era órfão de pai e único amparo da mãe cega e paralítica.

Que farás tu, Guia?

O «Sempre Pronto» convida todos os guias de patrulha a colaborar no empreendimento dos grupos do Algarve, apresentando a solução deste problema. A melhor resposta será publicada nestas colunas e receberá como prémio um exemplar do bom Livro de Jogos, de Boto Velho. No caso de serem apresentadas soluções idênticas acertadas, receberá o primeiro prémio aquela que tiver melhor redacção. As respostas devem ser remetidas à Redacção do «S. P.», até 31 de Julho corrente.

Desporto, Cinema e Educação

II

Antes de mais nada: deve ou não deve praticar-se o desporto? Creio que o que deixei dito antes será a resposta afirmativa a tal pergunta: o desporto deve praticar-se, por constituir necessidade fisiológica, sobretudo na adolescência. Na infância auxilia o crescimento, a boa circulação do sangue, fonte da saúde, e contrabalança a imobilidade imposta às crianças pelos trabalhos escolares; na idade viril, quando bem doseada, a prática dos desportos contribui para o homem e a mulher conservarem a «boa forma», ajudando a eliminar o excesso de gorduras que, a partir de certa idade, são um perigo para a saúde. E que na velhice também o desporto tem a sua oportunidade, demonstram-no triunfantemente dois longevos recentemente falecidos: o escritor Bernard Shaw e o rei Gustavo V da Suécia.

Onde está então o «mal» do desporto? O mal não está no desporto, mas no que, à falta de melhor termo, poderemos chamar *desportivismo*; está no abuso das práticas desportivas; está no excessivo lugar dado ao desporto na vida moderna; está, sobretudo, na mentalidade desportiva que já vai invadindo o Mundo todo, com os seus naturais reflexos na educação, *That is the question!*

Vou procurar explicar-me. Sem recuar a esses tempos, já referidos, da Grécia e de Roma, nós poderemos encontrar hoje um povo que, pelos séculos fora, tem demonstrado ver no desporto uma necessidade vital: os Ingleses. Conforme já disse antes, a Inglaterra pode considerar-se a pátria dos desportos mais violentos hoje praticados: o *box* e o futebol nas suas duas modalidades.

Mas nem por isso os Ingleses deixaram de cultivar as Artes, as Letras e as Ciências, relegando-as para ínfimo lugar remoto para entronizarem o desporto e prestarem culto reverente apenas aos campiões. Grande tem sido o contributo desse povo admirável para o progresso das ciências especulativas, tendo ainda há pouco morrido um dos maiores, senão o maior dos filósofos dos nossos tempos—Bertrand Russell. Na Pintura, na Arquitectura, na Literatura, na Física, na Química, deixaram os Ingleses nomes imorredouros, de Gainsborugh a Augustus John, de Chaucer a T. S. Eliot, de Shakespeare a Bernard Shaw, de Tomas Moore a Somerset Maugham, de Bacon a Bertrand Russell, de Newton a Laski, etc., etc. Quer dizer, com serem um povo eminentemente desportista, os Ingleses souberam e sabem dar ao desporto o lugar que ele de facto deve ocupar. Os rapazes de Oxford e de Cambridge treinam-se todo um ano para vencerem essa difícil competição que se decide no Tamisa entre a ponte de Putney e a de Hammersmith. Mas esses mesmos rapazes, concluída a formatura, vão ser os mestres mais eminentes nas cátedras inglesas ou europeias, e muitos deles serão chamados a dirigir superiormente os destinos da sua pátria.

É que o desporto, com a agilidade física, incutiu-lhes no espírito certos preceitos e normas que ali se consideram como a essência própria do desporto e à frente dos quais está o *fair-play*, que se traduz correntemente por «jogo franco», mas é mais do que isso. O *fair-play* — que todo o inglês que se preza cultiva dentro e fora do desporto — consiste não só em não enganar ou trapadear o antagonista, mas ainda em admitir que este não o fará, pelo que o resultado de qualquer jogo é aceito sem discussão, e os rivais do campo são os melhores amigos cá fora. Se o Inglês sente desprezo especial pelo traidor — e a traição é a negação do *fair-play* — esse desprezo estende-se ao que procura infringir as regras do jogo para ganhar, pois dependendo este das contingências da sorte, forçar esta é cometer uma traição.

Era este espírito que eu gostaria que se incutissenos jogadores portugueses, sobretudo os de futebol. Não é segredo para ninguém que o nosso desporto (àparte a modalidade interessante e recente do óquei em patins) está numa fase de profunda decadência, resultante da sua «comercialização» ou profissionalização. Pode dizer-se que desde o seu início, o desporto português não visou os altos fins para que, em tempos remotos, se criaram as actividades desportivas. Houve, desde o princípio, o desejo de se impor este ou aquele clube, criando-se à volta deste espírito mesquinho uma política de campanário, que serviu para alimentar aversões ou ódios, sobretudo quando em cada vila ou aldeia se fundou um clube. As antigas questiúnculas locais passaram do adro da igreja ou da taberna da aldeia para os campos de futebol, impondo-se aos jogadores locais a vitória a todo o custo. Quando esta se não alcança, o grupo antagonista é vaiado e até agredido, como lamentàvelmente se tem verificado nos últimos tempos.

(Conclui na 6.ª página)



Grupo n.º 6 — Olhão

Na noite de 25 de Abril passado, realizou-se na Sociedade Recreativa Progresso Olhanense uma festa comemorativa do 29.º aniversário deste Grupo.

Na manhã do mesmo dia, os escoteiros desta unidade e delegações dos grupos de Faro e Vila Real de Santo António, fizeram um desfile na qual participaram 100 escoteiros e lobitos. Na sede, receberam a visita do Escoteiro-Chefe Geral adjunto, sr. Luís Grau Tovar de Lemos, que lhes falou do contentamento da Associação pelas actividades dos grupos do Algarve e lhes dirigiu palavras de estímulo.

A sessão foi presidida pelo sr. Lourenço Mendonça, presidente da Câmara Municipal e antigo escoteiro; ladeado pelo Rev. Padre Sebastião, representantes daquela Sociedade e dos grupos de Faro e Vila Real de Santo António, e do Grupo 157 do C. N. E. de Faro, bem como por dois membros da Comissão de Patrocínio do grupo aniversariante.

Falaram os chefes dos grupos 6 e 60 e foram entregues prémios de diversos concursos interpatrulhas realizados em 1953. Foi imposta a medalha comemorativa do 40.º aniversário da A. E. P. a 29 elementos do grupo n.º 6. Todos os escoteiros presentes ratificaram o Compromisso de Honra.

A terminar a festa, escoteiros e escoteiras interpretaram a comédia em um acto «Actores e Actrizes», em que se houveram com razoável acerto. Na demonstração do «Fogo do Conselho», foram apresentados vários coros, poesias, anedotas.

O vasto salão daquela colectividade, galerias e corredores laterais estavam completamente apinhados de público, que seguiu com interesse esta boa jornada de propaganda escotista. — C.

Acampamento regional de guias e subguias do Algarve

Está decorrendo no Algarve uma série de acampamentos de guias e subguias, cuja finalidade é proporcionar a estes maiores conhecimentos práticos, maior consciência escotista e dar ocasião a momentos de boa camaradagem. Tomam parte nesta actividade sete elementos do grupo 77 de Faro, dez do 6 de Olhão e sete do 60 de Vila Real de Santo António, divididos por quatro patrulhas, «Cão», «Lobo», «Raposa» e «Mocho», a que pertencem 1 a 3 escoteiros de cada grupo.

O primeiro acampamento efectuou-se em 8 e 9 de Maio, no Monte Negro, arredores de Faro, o segundo a 22 e 23 do mesmo mês, no Mato Joinal, próximo de Olhão e o terceiro em 5 e 6 do corrente, na Mata de Vila Real de Santo António.

Nestes acampamentos foi seguido o «Sistema de Patrulhas» e os cargos de Patrulha foram mudados de forma a que cada escoteiro passasse na medida do possível, não só pelo cargo de guia e subguia, mas ainda pelos cargos de secretário, guarda de material, cozinheiro, etc.. O Chefe do Grupo 6, sr. Francisco do Nascimento Pina, dirigiu os acampamentos.

O programa de trabalhos foi vasto e abrangiu toda a técnica escoteira, jogos e primeiros socorros. Foram feitas palestras, apresentados temas para serem desenvolvidos pelos escoteiros, leitura e comentários sobre o «Sistema de Patrulhas», programas de reuniões de patrulha.

(Conclui na 7.ª página)

S. PAULO

no seu IV Centenário

Seria muito conveniente que todos os Escoteiros e dirigentes que concorram ao Acampamento Internacional de Patrulhas, próximo a celebrar-se, empreendessem a viagem conhecendo alguns apontamentos de interesse, se não do Brasil, pelo menos da cidade que vai ser centro de tantas actividades, por se comemorar este ano o IV Centenário da sua fundação.

S. Paulo é a segunda cidade do Brasil, com 2.228.000 habitantes. No ano de 1940 tinha pouco mais de um milhão e um quarto de habitantes e em 1950 tinha aumentado quase um milhão mais, pelo que esta capital do progressivo Estado de S. Paulo é considerada como a cidade de mais rápido crescimento no Mundo. É tão rápido o aumento da população que nos últimos anos levantaram-se 90.110 edifícios novos para albergar as pessoas procedentes de outros Estados e os imigrantes que viram em S. Paulo um centro industrial de grande futuro. Nos 1.643 quilómetros quadrados que ocupa o Município de S. Paulo, há um total de 17.415 fábricas.

O trânsito da cidade é extraordinàriamente intenso já que 173 mil veículos têm matrícula de circulação. No aeroporto de Congonhas aterram e elevam-se 130 aviões diários.

S. Paulo está situada na parte ocidental da serra do Mar, muito perto da represa de Guarapiranga, que recebe as águas do Tiete, a 753 metros sobre o nível do mar. O seu clima é delicioso e muito são, ainda que algo frio na época em que haverá de celebrar-se o Acampamento Internacional. Seria muito conveniente que os Escoteiros levassem as roupas adequadas e especialmente agasalho suficiente para as noites em que a temperatura baixa bastante. A comunicação entre S. Paulo, que está no interior, e o porto de mar de Santos, efectua-se por meio de uma excelente auto-estrada de via dupla que constitui em si uma magnífica obra de engenharia.

Por termos estado várias vezes em S. Paulo, recordamos muito especialmente a todos os visitantes que não percam, por exemplo, a importante vista panorâmica que se oferece do alto de Sumaré, donde se aprecia toda a beleza desta dinâmica cidade; o grandioso e importante estádio de Pacaembu, o Hipódromo, a Biblioteca Municipal, o Museu de Arte, o Museu de Arte Moderna, o Instituto de Butantán, de renome internacional pelos seus estudos sobre as serpentes venenosas, etc.

Porém, principalmente, os visitantes não devem desperdiçar a ocasião de visitar as numerosas edificações que a capital de S. Paulo apresenta por motivo do seu Quarto Centenário.

«Muito perto do centro da cidade, no parque Ibirapuera, montar-se-á a Exposição da cidade de S. Paulo. Os pavilhões estarão rodeados de vegetação exótica tropical e dispostos de acordo com os mais modernos ditames da arquitectura paisagista. A arquitectura urbanística, confiada a engenheiros brasileiros de renome internacional, constituirá, por si só, motivo de permanente atracção. A entrada será por uma rampa ou plataforma monumental, em linhas ultramodernas, donde o visitante dominará todo o conjunto do recinto e do parque. Lagos, bosques, avenidas e edifícios, harmoniosamenre distribuídos, ocuparão uma área superior a um milhão e meio de metros quadrados.

«Os pavilhões destinados às exposições nacionais e estrangeiras construíram-se de conformidade com um plano em que se conjugaram, em avançada concepção, as mais modernas conquistas da arquitectura, do urbanismo e da decoração. São eles o Palácio da Nação, o Palácio do Estado, o Palácio da Indústria e do Comércio e o Palácio da Agricultura. Sobresaem ainda outros edifícios de importância como o da «marquise» com 30.000 metros quadrados de área, que ligará os pavilhões entre si, os destinados ao planetário, teatro e restaurante, além de um amplo estádio coberto para jogos desportivos».

Toda a cidade de S. Paulo está preparada para receber o Mundo e as orquestras sinfónicas, os coros, os conjuntos de *ballet*, as companhias teatrais, estão contribuindo para fazer mais grata ainda a estância do visitante em S. Paulo.

Além da Exposição Internacional haverá cerca de 35 congressos internacionais, assim como exibições das mais diversas artes, certames desportivos, festas religiosas e diversões públicas.

Por gentileza do «Boletin Scout de las Américas» — Junho. 1954.

Desporto, Cinema e Educação

(Conclusão da 5.ª página)

Entrou-se depois numa segunda fase desse desportivismo com a «transferência» de jogadores, pagos a peso de ouro, o que levou ao profissionalismo no desporto, acabando assim o desporto pròpriamente dito. Independentemente dos benefícios de ordem higiénica que os desportos podem trazer ao homem, há o seu aspecto altruista e de passatempo: a prática pela prática, isto é pratica-se determinada modalidade de desporto por amor ao desporto, àparte o proveito físico que disso se retira. Desde que o jogador recebe um salário por essa prática, deixa de haver desporto e passa a haver pura e simplesmente um exercício como qualquer outro para gáudio das multidões, como o trapézio ou a «alta escola» nos circos ambulantes. Desporto é distração e esta nega a retribuição do trabalho. Fazer do desporto uma profissão é acabar com ele criando uma mentalidade diferente, socialmente imoral. Porquê?

Atente-se no seguinte. Um clube, composto por jogadores de certo sector — profissional, escolar ou outro — costuma jogar contra outro, cujos componentes são física e tècnicamente superiores; parece que o indicado quanto ao caminho a seguir pelo primeiro clube, é seleccionar os seus jogadores, intensificar-lhes o treino e prepará-los convenientemente para as pugnas desportivas. Isso penso eu, pensa o leitor, pensa quem tem cabeça para pensar. Mas o caminho geralmente seguido é muito outro: *alugam-se* ou *compram-se* os jogadores mediante umas «luvas» de alguns milhares de escudos, indo buscá-los a sectores diferentes, só para dar ao clube a possibilidade de vencer. Vencer é o alvo que visam todos os clubes portugueses, como se fosse isso o fim do desporto. Não é isto o que se tem feito em Portugal? Não se têm visto ciclistas italianos, espanhóis e franceses correrem por clubes portugueses? Não há jogadores estrangeiros nas fileiras de alguns clubes nacionais? Que importância terão então as vitórias apregoadas desses clubes? Onde está o espírito desportista de classe ou nacional? Onde está, sobretudo, o *fait-play* que é a essência mesma do desporto? Digam-me, depois disto, qual é o futuro que espera o nosso desporto, e, mais ainda, qual é a mentalidade com que os nossos jovens virão para a vida prática, aquela vida em que a traição e a desonestidade são tanto ou mais para censurar do que na vida do desporto.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

LEÃO D'OURO

RESTAURANTE
CERVEJARIA
BAR

Neste estabelecimento encontrará V. Ex.ª tudo o que de melhor o Mar produz; assim como os pratos de especialidades mais raramente desejados

Rua 1.º de Dezembro, 89 a 99
TELEF. 2 6195 LISBOA

O «SEMPRE PRONTO» e a revista «ALERTA!»
vendem-se na TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 • LISBOA

IV CENTENÁRIO DE S. PAULO

Os Escoteiros de Portugal estarão presentes no Acampamento Internacional de Patrulhas

A Direcção dos Escoteiros de Portugal aceitou o convite para participar no Acampamento Internacional de Patrulhas, que, integrado nas comemorações do IV Centenário da cidade de S. Paulo, se efectua em Interlagos de 27 de Julho a 3 de Agosto próximo. De facto, os escoteiros portugueses não poderiam estar ausentes de tão notáveis comemorações em que o génio da nossa gente é posto em merecido relevo, pois a tão importante cidade foi fundada por portugueses e ainda hoje por lá labutam muitos compatriotas nossos que, ao lado dos nossos irmãos brasileiros, têm feito a grandeza da grande urbe. Os escoteiros portugueses serão, assim, acolhidos ali com grande alegria pelos seus camaradas brasileiros, que pela primeira vez recebem a visita oficial de uma deputação dos Escoteiros de Portugal.

O contingente será constituído por duas patrulhas, sendo seis escoteiros do grupo de Olhão e os restantes de grupos de Lisboa e um de Sintra. A chefia do contingente foi confiada ao Escoteiro-Chefe Geral Adjunto Sr. Albano da Silva, escolha que revela o interesse que a Direcção dispensou a esta representação, entregando a sua chefia a um dos elementos mais prestigiosos dos Escoteiros de Portugal. Tão acertada escolha permite aos Pais dos Escoteiros entregarem os seus filhos com plena confiança no dirigente que os acompanha, que se encontra desinteressadamente ao serviço do Movimento no louvável desejo de, segundo as suas próprias palavras, retribuir ao Escotismo um pouco do muito que dele recebeu na formação da sua personalidade.

A partida far-se-á no paquete Santa Maria no próximo dia 3 de Julho, sábado, às quatro horas da tarde. Após o acampamento os escoteiros poderão beneficiar de uma semana de hospitalidade oferecida pelos seus camaradas de S. Paulo e, depois disso, aguardar ainda o barco para o regresso que só se efectuará no fim de Agosto e no mesmo barco. Em S. Paulo, porém, os escoteiros serão hospedados por famílias ilustres de portugueses que desejam receber os membros da deputação portuguesa.

Por notícias recebidas de S. Paulo, sabemos que a notícia do envio da nossa representação despertou ali o mais vivo entusiasmo e alegria.

O «Sempre Pronto» apresenta os melhores votos de boa viagem aos nossos representantes no grande acampamento do Brasil.

A CAMPANHA PARA MAIS ASSINATURAS

O "Sempre Pronto" já conta mais 108 novas assinaturas

A maior alegria daqueles que trabalham, com sacrifício, num pequeno jornal como o nosso, é reconhecerem que podem contar com a simpatia e o apoio de um grupo de leitores e amigos. É esta alegria que temos sentido através da Campanha para novas assinaturas que estamos empreendendo. Diàriamente nos vêm chegando novos nomes. Alguns amigos mandam-nos nomes de assinantes já angariados. Outros, não tendo possibilidade de obter novas assinaturas, remetem-nos nomes de pessoas conhecidas como simpatizantes do Escotismo, antigos escoteiros, famílias de escoteiros, e os jornais enviados à experiência acompanhados de uma circular são quase sempre recebidos favoràvelmente. Assim, até esta data, pudemos já contar com mais 71 assinaturas que, somadas às 37 já anunciadas, passa a primeira centena e atinge já o número 108. Isto faz-nos pensar na possibilidade de atingir ainda um número mais alto e, assim, abrir ao nosso mensário uma nova época de progresso e maior desenvolvimento.

Nesta Campanha, mais uma vez se destacou a cooperação de muitos dos nossos Correspondentes. Apesar de terem já a seu cargo muitos jornais, ainda procuram aumentar o número de assinantes. Está neste caso o nosso dedicado correspondente em Angra do Heroísmo, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, que, apesar de receber já 60 EXEMPLARES, mandou aumentar mais 5, portanto, 65 EXEMPLARES A SEU CARGO. Merece o maior louvor o alto espírito de colaboração deste nosso Colaborador, Chefe do Grupo 52 de Angra do Heroísmo, que, inquebrantàvelmente e sem desânimo, vem vencendo todas as dificuldades e mantendo o facho escotista naquelas paragens.

São mais estas as assinaturas recebidas:

Sr. Manuel Ferreira Valério Entronc.º	1
» Rev. Vidal Vieira dos Santos—Porto	2
Grupo n.º 33—Leiria	2
Grupo n. 53—Lisboa	1
Carlos Romão Lopes—Lisboa	5
Sr. João Carlos Saraiva Mamede-Lisboa	4
» José da Silva Vieira—Lisboa	3
» Filipe Reis—Porto	1
» Manuel Ramos—Lisboa	2
Directamente	5
Nomes remetidos à experiência e assinaturas aceites	40

Estamos a distribuir pelos nossos assinantes postais próprios para o registo de assinaturas ou de nomes à experiência. Rogamos a todos que os tenham recebidos para terem a bondade de diligenciar preenchê-los, agradecendo muito a sua remessa. Lembramos a todos os nossos Amigos que uma única assinatura é, além de uma ajuda preciosa, uma prova de simpatia que muito nos honra e estimula. O «Sempre Pronto» é há quase 10 anos o jornal dos Escoteiros, quer antigos quer actuais, que ao serviço do Escotismo tem posto todo o entusiasmo e dedicação, servindo a Obra sem esperar recompensas nem louvores. Isso nos anima a esperar o apoio daqueles que, com o mesmo desinteresse e amor à Obra, nos queiram ajudar.

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

(Conclusão da 5.ª página)

Em todas as actividades se notou a melhor camaradagem, interesse e boa vontade em aprender.

• Nos dias 6 e 7 do corrente, realizou-se em Vila Real de Santo António o último acampamento deste curso. O nosso correspondente em Faro comunica-nos que o Grupo n.º 77 daquela cidade se encontra muito grato ao chefe Francisco do Nascimento Pina pela sua útil iniciativa, boa vontade e dedicação na orientação dos 3 acampamentos efectuados.

• • o • •

NOVOS LIVROS

Livros de Jogos

A U. E. B. acaba de publicar esta interessante colectânea de jogos escotistas num volume de 142 páginas contendo 200 jogos, ilustrados com muitas gravuras. Cada volume—Esc. 15$00.

À venda na Redacção do «Sempre Pronto».

A VIDA NA NATUREZA

II

CADEIAS ALIMENTARES

Pela Dr.ª Lídia de Medeiros

Vamos hoje ver em que consiste e como funciona a cadeia alimentar que deixámos esboçada no número anterior.

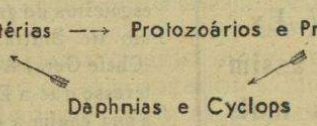
Como devem estar lembrados, introduzimos num aquário várias espécies animais: Daphnias (Crustáceos), Tubifex (Vermes), Protozoários e Protófitas. Passados uns dias, verificou-se que o equilíbrio se deu por observação da actividade normal de Daphnias e Tubifex e ainda pela limpidez da água. As Daphnias encontram-se igualmente distribuídas por todo o aquário, os Tubifex apresentam a extremidade posterior ondulando fora dos tubos e fazendo lembrar com os seus movimentos rítmicos um campo de trigo agitado pela brisa. Houve, portanto, um ajustamento da população.

Consequentemente, a água acidificou-se um pouco permitindo o desenvolvimento de alguns Cyclops (pequenos Crustáceos). Qualquer excesso de indivíduos de determinado agrupamento reflectir-se-ia sem tardar na aparência normal do aquário.

A cadeia alimentar consiste, portanto, como o próprio nome indica, numa associação de indivíduos de diferentes agrupamentos zoológicos e botânicos, que se dependem pelas suas necessidades alimentares.

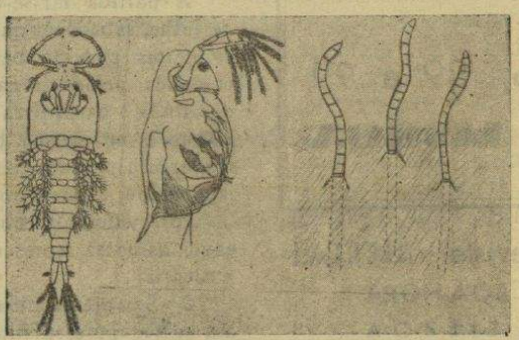
No caso presente, a cadeia alimentar funciona da seguinte maneira: os Protozoários alimentam-se de Bactérias (algas microscópicas e unicelulares), as quais, por sua vez e por intermédio das suas múltiplas reacções químicas, criam o meio propício ao desenvolvimento de outros Protófitas. Protozoários e Protófitas proporcionam o alimento para os Crustáceos Daphnias e Cyclops que, por sua vez, pelo próprio corpo decomposto após a morte e pelas matérias fecais que emitem, irão satisfazer as necessidades alimentares de Bactérias, fechando-se assim o ciclo da cadeia alimentar.

Ao introduzirmos os caracóis, o equilíbrio do aquário alterar-se-ia por excesso de matéria orgânica em decomposição. Para obstar esse eventual desiquilíbrio é que se torna necessária a introdução no aquário dos vermes Tubifex que irão consumir esse excesso de matérias orgânicas. Teremos, portanto, em esquema e como resumo do que ficou exposto o seguinte:



Nas figuras pretende representar-se cada um dos seres macroscópicos que introduzimos no aquário.

O papel desempenhado pelas plantas tem igualmente muita influência no bom equilíbrio da cadeia alimentar. Se o seu número for muito elevado, dar-se-á uma grande acumulação de anidrido carbónico durante a noite, devido à função respiratória não ser compensada pela função fotossintética que, como já sabem, só se efectua em presença da luz.



Da esquerda para a direita: Cyclops (aprox. 40×); Daphnias (aprox 12×); Tubifex (aprox. tamanho natural).

Um aquário equilibrado para peixes, não poderia conter todos os elementos citados. Daphnias e Tubifex são para eles óptimo alimento vivo, e seria impossível, portanto, mantê-los em conjunto. Nestas condições, apenas se tornaria necessária a presença de plantas para consumo de anidrido carbónico (só durante o dia pelas razões atrás expostas) e também de matérias orgânicas em decomposição; de alguns exemplares de caracóis (não muitos) que utilizarão para seu alimento as algas que incrustam as paredes do aquário. A água, nestas condições, tirará grande vantagem do uso de um filtro constituído por areia e carvão vegetal, para que esteja constantemente a ser arejada e expurgada das impurezas que possam existir em suspenção e provenientes da natural actividade do aquário.

Na Natureza, como já vos disse no artigo anterior, as cadeias alimentares são numerosas e muito mais complexas, havendo a intervenção de inúmeros organismos. A função é sempre a mesma. Todos os seres vivos servem, simultâneamente, de alimento e são alimentados por outros seres vivos.

Espero que tenham ficado com uma ideia de como a vida se mantém neste enorme reservatório (qual aquário de colossais dimensões) que é o Mundo em que habitamos.

A Visita Presidencial a Angola

Os escoteiros prestam a sua homenagem ao Chefe do Estado

Na fortaleza de S. Miguel, no morro sobranceiro à cidade de Luanda, realizou-se no dia 28 de Maio p. p. uma interessante cerimónia promovida pela Mocidade Portuguesa para hastear as bandeiras históricas da nacionalidade, especialmente as dos Descobrimentos e das Campanhas de Ocupação, cerimónia que teve a colaboração do Exército, dos Escoteiros e do Município.

Ao acto assistiu o Sr. Presidente da República, acompanhado dos Srs. Ministro do Ultramar e Governador Geral de Angola.

Os Escoteiros associaram-se ainda a outras cerimónias de recepção não só em Luanda, como em Nova Lisboa e noutras cidades da Província.

ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

VI Exposição Fotográfica de Campismo

A Secção de Campismo do Ateneu está de parabéns. A sua VI Exposição Fotográfica constituiu um êxito notável, êxito que ultrapassou aqueles que inegàvelmente tem obtido em anos anteriores, tendo duplicado o número de concorrentes e aumentado mais do triplo o número de trabalhos entrados.

Este ano a Exposição contou 74 concorrentes, 357 trabalhos, sendo admitidas 214 fotografias e rejeitadas 143. A selecção feita, só aumentou o valor artístico da Exposição, oferecendo-nos trabalhos muito bons e assuntos ricos de interesse.

As modalidades em concurso eram: Campismo, Montanhismo e Esqui, Paisagem, Pesca, Vela e Canoagem e Tema Livre. Foi ainda disputada a taça Adelino Lyon de Castro entre sócios do Ateneu.

Não foram atribuídos os primeiros prémios de «Campismo» e «Vela e Canoagem» e não foi atribuído qualquer prémio de «Montanhismo e Esqui», mas apenas uma menção honrosa.

A taça do concurso intersócios foi ganha pelo Sr. José Roque Gameiras. Além deste, foram atribuídos 15 prémios e 10 menções honrosas.

A decoração das salas, feita com muito gosto, foi realizada pelo Sr. João Alves Pereira Mateus, que dirigiu a montagem. É de louvar ainda o espírito de equipa que anima esta activa secção campista do Ateneu.

Colaboraram na Exposição os serviços de turismo do Secretariado Nacional de Informação, e das representações diplomáticas da Áustria, da Espanha, do Brasil, do Canadá, da França, da Itália e da União da África do Sul.

Numa das Salas pudemos mais uma vez admirar a interessante colecção de entomologia do Sr. David Gomes da Fonseca, que nos oferece sempre motivos de interesse.

Os prémios foram distribuídos na sessão que se efectuou no 11 do corrente, sob a presidência do sr. dr. José Pontes, e que terminou com um serão campista, no qual colaboraram outros agrupamentos.